

O COTIDIANO E AS CONSTRUÇÕES SUBJETIVAS DE TRABALHADORES PROVENIENTES DO SETOR CALÇADISTA DA CIDADE DE FRANCA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

Elaine Cristina de Souza– Uni-FACEF
Dr. Agnaldo de Sousa Barbosa– Uni-FACEF
Centro Universitário de Franca – Uni-FACEF

1. Introdução

O trabalho, por muito tempo, significou fardo e sacrifício, como no período de advento do capitalismo, em que ele era visto como punição para o pecado. Somente a partir do Renascimento que o trabalho foi concebido como fonte de identidade e auto-realização humana, e a partir daí o trabalho foi visto como desenvolvimento e condição necessária para a liberdade. (Ribeiro e Leda, 2004).

Ao longo dos tempos, duas visões contraditórias do trabalho são identificadas. Liedke (1997, apud Ribeiro e Léda, 2004) diz que de um lado a noção do trabalho humano relaciona-se a um significado áspero e penoso, como na formação cristã, e de outro, gratificante, como na interpretação humanista do trabalho. Desta forma, encontram-se duas perspectivas distintas no significado do trabalho, um de caráter negativo e outro positivo, ou seja, em algumas situações pode ser esgotante para quem o realiza, e em outras, pode ser espaço de criação, crescimento pessoal e construção de si mesmo.

Segundo Ribeiro e Léda (2004), é com a Revolução Industrial que a emoção, que é expressa pelo sentimento e a percepção do trabalhador, é retirada do local de trabalho, e a racionalização é o que mais se repete no mundo dos negócios. O cronômetro entra na fábrica e vai ditar regras de convivência para uma nova sociedade, passando assim, a existir novos valores na vida e no trabalho, que são estabelecidos através horários exatos para chegar e sair da fábrica. O tempo predeterminado para executar uma tarefa, e até mesmo o tempo livre e a quantidade e formas de lazer devem ainda ser adequadas para não interferir na disposição e

produtividade do operário. Assim, ocorre um controle das vidas privadas, através da submissão das pessoas às regras impostas pelas fábricas.

De acordo com Fernandes¹, à medida que o processo de trabalho na indústria movido pela lógica do capital vai se racionalizando, as práticas de camaradagem entre os colegas de trabalho vão, assim dizendo, entrando em declínio, pois o ritmo de trabalho dificulta, e até mesmo impede esse tipo de relação. A autora comenta a decomposição cada vez maior das tarefas e a pressão decorrente da extrema vigilância exigida para sua execução, eliminando, assim, as possibilidades de uma integração harmônica entre o trabalhador e as relações no trabalho.

Bosi (1973, apud Fernandes) reflete sobre a conduta do operário nesse setor, enfatizando a idéia de que é o tipo de tarefa que impõe limites bem definidos e que para ser desenvolvida exige vigilância e contínua atenção aos sinais que a máquina emite. E é com essa tendência à especialização e às tarefas parceladas, que o contato do operário com o outro é impedido, e isso acaba por desembocar num trabalho que, além de forçado, é despersonalizado, impossibilitando ao operário a expressão das tendências mais profundas de sua personalidade.

De acordo com Dejours (1999, apud Heloani e Lancman, 2004), os indivíduos têm um impacto em suas vidas causado pelas mudanças atuais no mundo do trabalho, e isso os obriga a conviver com lógica de mercado profundamente mutante, o que cria uma situação de instabilidade e de ameaça que é vivenciada como um mal inevitável dos tempos modernos.

Existe ainda um aumento de desconfiança de classe-que-vive-do-trabalho, que para Antunes (1999), engloba tanto o proletariado industrial, como o conjunto dos assalariados que vendem a sua força de trabalho (incluindo os desempregados, pela vigência da lógica destrutiva do capital), devido às incertezas da atual fase de acumulação flexível do capitalismo. De acordo com Ribeiro e Léda (2004), todos sofrem: o desempregado por não ver perspectiva e o empregado pelo medo de deixar de sê-lo amanhã.

A racionalização neste mundo do trabalho reforça a banalização da injustiça social, discutida por Dejours (1999, apud Lancman e Uchida, 2003). Assim, com o

¹ FERNANDES, M.E. “Da manufatura à esteira: resgatando a memória do trabalho operário” (mímio). Esta referência ainda não foi publicada. É uma pesquisa realizada em Fábricas de Calçados da cidade de Franca, com o objetivo de resgatar a memória do trabalhador, ao perceber que numa sociedade como a nossa impregnada pela ideologia do consumo, do descartável, voltada para a valorização do novo, do atual, para a realidade imediata, as artimanhas contra a memória tornam-se mais ameaçadoras.

desemprego estrutural criado pela nova forma de acumulação, tanto os que têm emprego como aqueles que o perderam, sofrem intensamente. A ameaça da demissão ronda a cabeça daqueles que permanecem empregados e assim, devido a certas pressões sofridas no trabalho, muitos trabalhadores irão inevitavelmente sofrer patologicamente.

Leboyer (1997, apud Ribeiro, 2004 e Léda, 2004), comenta sobre o esvaziamento do sentido do trabalho:

Vive-se um momento histórico de esvaziamento do significado do trabalho. Essa situação tem gerado um enfraquecimento do valor social e psicológico da atividade profissional e um desaparecimento progressivo da ética do trabalho e da consciência profissional.

De acordo com Lancman e Uchida (2003), uma questão importante é a da produção de significação, do sentido do trabalho pelos indivíduos. Isso implica, para o pesquisador, a difícil tarefa de aceder ao sentido das condutas e comportamentos dos sujeitos no trabalho, e compartilhar a significação que estes atribuem às suas ações.

De acordo com Heloani, e Lancman (2004), o trabalho permite o confronto entre mundo externo e mundo interno do trabalhador, ou seja, o mundo objetivo, de regras e valores, vai se conflitar com a singularidade de cada trabalhador, gerando assim, a partir das relações de trabalho e o mundo subjetivo do trabalhador um significativo sofrimento psíquico. Entre a lógica das empresas e a lógica do indivíduo há uma contradição central, por um lado se volta para o lucro e para a produtividade, por outro tem angústias, desejos, medos e busca manter sua saúde mental em meio a essa complexidade de relações, procurando por um processo de reconhecimento e auto-realização, e constituindo sua identidade e subjetividade.

Para Fernandes, a amplitude das linhas de produção não apenas acentua a monotonia das tarefas, como despoja o operário de qualquer atividade criadora e marcas identificadoras de sua habilidade ou imaginação. Desse modo, frente à padronização de técnicas de produção, as atividades de operário o conduzem mais à auto-repressão do que auto-expressão de seus talentos.

Segundo Nardi; Tintoni e Bernardes (2000, apud Braga, 2002), subjetividade e trabalho constituem um campo de conhecimento que busca analisar o sujeito

trabalhador, definido a partir das vivências e experiências adquiridas no mundo do trabalho. Seguindo este pensamento, o sujeito é visto como afetado pelas normas sociais e imbricado nas tramas que definem estas normas, opondo-se as concepções de sujeito autônomo e livre, associadas à idéia de indivíduo. Esta maneira de conceber as relações entre o trabalhador e o seu trabalho busca redimensionar duas formas clássicas de análise: uma que prioriza as determinações macrossociais, de cunho econômico, sobre a ação dos trabalhadores; outra, baseada, principalmente, nas análises de cunho psicológico individualizantes, historicamente associadas ao campo da motivação e dos comportamentos no trabalho.

Para Guattari e Rolnik (2000), "as mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, (...)". Desta maneira, os autores percebem os indivíduos como resultado de uma produção de massa, serializado, registrado, modelado. A subjetividade, no entanto, para eles, é essencialmente fabricada e modelada no registro social, produção a fala, as imagens, a sensibilidade, a produção do desejo, que não se cola absolutamente à representação do indivíduo, mas é adjacente a uma multiplicidade de agenciamentos sociais, a uma multiplicidade de processos de produção maquínica, a mutações de universos de valor e de universos históricos.

Guattari e Rolnik, (2000, 40) afirmam que:

As imensas máquinas estatais controlam tudo, desde seus primeiros agentes até as pessoas que ganham salário mínimo (...). Os indivíduos são reduzidos a nada mais do que engrenagens concentradas sobre o valor de seus atos, valor que responde ao mercado capitalista e seus equivalentes gerais. Se tornam espécies de robôs, solitários e angustiados, absorvendo cada vez mais as drogas que o poder lhes proporciona, deixando-se fascinar cada vez mais pela promoção.

A ordem capitalística é projetada na realidade do mundo e na realidade psíquica, incidindo nos esquemas de conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentido, de sentimento, de afeto, entre outros. Produz os modos das relações

humanas até em suas representações inconscientes e fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. (Guattari e Rolnik, 2000).

De acordo com Grazia Paoletti (apud Antunes, 1999), o tempo implica uma possibilidade de domínio sobre a vida dos indivíduos e sobre a organização social de tempo de trabalho e da produção capitalista ao tempo da vida urbana, o que de certa forma, cria um conflito no uso do tempo, tanto quantitativo quanto qualitativamente, bem como das diversas prioridades na concepção da organização social. Para Antunes (1999), uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho.

Segundo Braga (2002), é preciso investir na captura da subjetividade operária, integrando-a aos valores da sociedade, em geral, e da empresa, em particular, demonstrando a centralidade da luta ideológica no campo da produção, com o capital procurando deteriorar os impulsos classistas intrínsecos a situação objetiva do trabalho assalariado.

A partir destas questões, torna-se importante a busca pela compreensão da realidade vivenciada pelos trabalhadores em relação ao seu trabalho, investigando o significado e sua subjetividade, produzida pelos agenciamentos sociais.

O presente artigo, no entanto, busca compreender o cotidiano e as produções subjetivas dos trabalhadores do setor calçadista de Franca, que representam uma parte significativa da população. Segundo Navarro (1998), o Município de Franca, localizado no interior do estado de São Paulo, é o segundo maior pólo calçadista do Brasil, especializado na produção de sapatos masculinos de couro, e representa o principal produtor e exportador do país neste segmento. Tal afirmação explica a quantidade de indústrias e oficinas de trabalho existentes na cidade, que empregam uma parte significativa da população francana, sendo a principal atividade econômica de Franca. Conhecendo-se assim este cenário, percebe-se a importância de compreender a realidade deste trabalhador e investigar sua subjetividade, no intuito de produzir reflexões e transformações de bem-estar pessoal e social.

2. Metodologia

A atual pesquisa se baseia nas abordagens qualitativa e etnográfica. A abordagem qualitativa, segundo Minayo (1996) consiste em abordar aspectos subjetivos da população a ser estudada, na busca de diferentes significados de

experiências vividas, proporcionando assim uma melhor compreensão do indivíduo no seu contexto social, e a constituição de singularidades. Nesta mesma linha de pesquisa, André (2001), afirma que a pesquisa qualitativa tende a focalizar o sujeito quanto à sua linguagem, ações e eventos que usam para organizar seus pensamentos.

De acordo com Minayo (1996), a construção do roteiro, a execução das entrevistas e registro geral dos dados, a transcrição literal das fitas gravadas nas entrevistas e as leituras enfatizam a necessidade de rigor que exige esta abordagem, que não deve ser desenvolvida de forma intuitiva e rápida.

A pesquisa etnográfica, por sua vez, de acordo com André (2001), é caracterizada, principalmente, como uma maneira de estudar e descrever a cultura e a sociedade através da aproximação do pesquisador com o grupo pesquisado, de modo que tal interação resulte em uma precisa coleta de dados, compreendendo assim a sua atual realidade, de maneira a entender os significados que são revelados gradativamente através do senso comum.

De acordo com esta perspectiva, o estudo será realizado em duas etapas. Na primeira etapa, a qual se denomina Fase Exploratória, foram realizadas sessões de observação participante em dez residências e bancas de um bairro periférico da cidade de Franca, onde, na maior parte delas, o trabalho é informal e domiciliar. Posteriormente, foram realizadas sessões de observação participante em duas Fábricas de Calçados, situadas em bairros distintos. Nesta primeira etapa, os dados obtidos passaram por uma análise de conteúdo tradicional. Na segunda etapa, conhecida como Fase Exploratória, serão realizadas entrevistas individuais, semi-estruturadas com funcionários das oficinas de trabalho, conhecidas como bancas de pesponto, operários das fábricas, e trabalhadores informais e domiciliares, que serão gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. Os dados obtidos na segunda etapa passarão por uma análise de conteúdo tradicional (Bardin, 1977), e posteriormente por uma análise hermenêutica-dialética. (MINAYO, 1996).

3. Resultados e Discussão

3.1. Localização

3.1.1 Residências

O bairro, onde a pesquisa foi realizada, é um bairro periférico, distante do centro da cidade. Este bairro foi construído por um programa de habitação popular financiado pela Caixa Econômica Federal, e foi habitado em Setembro de 2003. As casas possuem construção padrão, mas estão sendo modificadas pelos moradores.

O bairro não possui igrejas, escolas, creches, Unidades Básicas de Saúde, praças nem clubes. No entanto, a Prefeitura oferece meio de transporte para as crianças se locomoverem até a escola, e ainda, conta com a linha de transporte pública, do bairro ao centro. O bairro é asfaltado, iluminado, possui telefones públicos e saneamento básico.

3.1.2 Fábricas

O bairro em que uma das fábricas, onde as observações participantes foram realizadas a princípio, se localiza, é situado numa região central da cidade, e é existente há muitos anos. Portanto, o bairro é asfaltado, bem iluminado, possui ruas largas, telefones e transportes públicos, casas com ótimas estruturas físicas e múltiplos pontos de comércio e instituições, como, padarias, farmácias, escolas, igrejas, centros espíritas, supermercados, lojas de roupas, sapatos e presentes.

Já o bairro, onde outra das fábricas observadas se situa, é localizado distante do centro da cidade, e considerado um bairro periférico. É neste bairro, que se localiza o Aeroporto de Aviação de pequeno porte da cidade. O bairro é asfaltado, iluminado, possui transportes e telefones públicos, saneamento básico, escolas, UBS, supermercados, farmácias, padarias, igrejas, entre outras instituições e pontos de comércio, porém é habitado por uma população considerada de classe economicamente baixa. Neste bairro possui várias pequenas fábricas e bancas de pesponto.

3.2 Cenário

3.2.1 Residências

Nas residências observadas, onde as costuras manuais² são realizadas, normalmente o trabalho é feito nas salas, de uma forma informal, não possuindo um espaço separado e adequado para a execução do serviço. Na maior parte das

² Sete das dez casas observadas

casas, a execução deste serviço é feito por mulheres, que costuram sentadas no sofá, assistindo tv, ouvindo rádio ou conversando. Já nas residências em que possuem bancas de pesponto³, o espaço de trabalho é separado da casa e ajustado de acordo com as necessidades, principalmente pela presença de máquinas e funcionários. Algumas bancas são extremamente separadas da casa, possuindo cômodo e até mesmo entrada independentes.

3.2.2 Fábricas

Uma das fábricas observadas conta com aproximadamente oitenta funcionários na produção, entre todos os setores. A maioria dos funcionários usa uniformes da fábrica, e todos passam cartão⁴ nos seus horários de entrada e saída, que seguem às 6h45m e 16h33m. A fábrica é muito bem organizada, com cada setor e seus respectivos funcionários num determinado espaço, que são delimitados com as máquinas e materiais a serem utilizados, e até peças e sapatos prontos. Há banheiros, feminino e masculino e bebedouros de água, e ainda os funcionários escutam programações do rádio enquanto executam suas tarefas, apesar das máquinas produzirem muito barulho, motivo pelo qual, muitos funcionários usam foninho de ouvido.

Todos os funcionários são registrados, e recebem todos os direitos que possuem. A fábrica oferece café da manhã a partir das 6h10m. Produzem-se sapatos masculinos e femininos, mas atualmente a produção está focada em sapatos masculinos, e constam com 800 pares de sapatos produzidos diariamente.

A outra fábrica, onde foram realizadas observações participantes, emprega em média de 45 funcionários, que produzem aproximadamente 350 pares por dia, chegando até 500 pares diários, dependendo do modelo, como as sapatilhas. Os funcionários entram as 6h00m, e chegam trabalhar até as 20hs00m quando fazem “cerão”, o que acontece comumente.

3.3 Trabalho

³ Três das dez casas observadas

⁴ O cartão é uma maneira de controlar a presença e os horários dos funcionários. Este cartão ainda não é magnético, são cartões de papel que são marcados por um carimbo com o horário do instante em que o funcionário o carimbou, através de uma máquina de registro.

O trabalho é executado de formas diferentes nas residências, bancas de pesponto e fábricas. Nas residências, com a costura manual, os trabalhadores possuem mais flexibilidade e liberdade para suas escolhas, horários, local para executar o serviço, interação com o lar. Já nas bancas de pesponto, os empregados devem seguir normas estabelecidas pelo patrão, além de ocupar uma determinada função no processo de produção das peças do sapato, no entanto, os funcionários, ainda sim, possuem mais flexibilidade em seus comportamentos e inter-relações do que os operários das fábricas. Nas fábricas, os operários seguem as normas de maneira mais rígida, a medida que o tempo para a execução das tarefas é cronometrado, e cada funcionário é responsável por parte de um processo de produção.

3.4 Discussão

Pode-se notar que a produção de sapatos é um processo e uma atividade, que se dá em todo canto da cidade, em bairros centrais e periféricos, em residências, bancas de pespontos e fábricas de diferentes portes, ainda manifestada de diferentes modos, desde a autonomia dos trabalhadores com a costura manual a domiciliar até os mais rígidos modos de trabalho dentro das indústrias. Esta realidade indica a importância de se refletir sobre essa atividade como um todo na caracterização da cidade, principalmente economicamente, sendo a principal atividade econômica do município. Isto propõe uma segunda reflexão, que é a importância de se pensar sobre o trabalhador deste setor, que vive diante de angústias, valores, ideologias, que estão a todo instante, refletindo nos seus sentimentos e atitudes em relação ao trabalho. Portanto, é importante se pensar a relação entre o trabalhador do setor calçadista e o seu devido trabalho, na produção de subjetividade, para compreender melhor a realidade vivenciada por eles em seu cotidiano trabalhista, e os reflexos causados em si mesmos e na sociedade, através da reprodução de ideologias e docilização dos corpos. A partir desta perspectiva, o significado do trabalho para tais trabalhadores, os valores e ideologias em relação a ele, e toda subjetividade deste indivíduo será investigada e repensada como um aspecto essencial para transformação social.

Segundo Navarro (1998) o Município de Franca, localizado no interior do estado de São Paulo, é o segundo maior pólo calçadista do Brasil, especializado na

produção de sapatos masculinos de couro, e representa o principal produtor e exportador do país neste segmento. Tal afirmação explica a quantidade de indústrias e oficinas de trabalho existentes na cidade, que empregam uma parte significativa da população francana, sendo a principal atividade econômica de Franca. Navarro (1998) acrescenta que as oficinas de trabalho, que são as bancas de pesponto⁵ são heterogêneas, quanto ao tamanho, número de empregados e na forma de relação de trabalho, o que é afirmado pelas observações participantes que foram realizadas nestes locais, além do trabalho domiciliar e das fábricas de calçados. A aproximação do pesquisador à realidade destes postos de trabalho veio afirmar que, neste mesmo setor, existem múltiplas formas e condições de trabalho, provocados pelo seu emprego, em bancas de pesponto, em fábricas, ou até no serviço domiciliar que executa, os quais podem gerar distintas formas de benefícios e segurança, e até condições precárias de trabalho e total insegurança no emprego. Nas fábricas, onde foram realizadas observações participantes, há um período em que a produção diminui, e às vezes até cessa, e os funcionários passam um tempo sem serviço e sem pagamento, como no começo do ano, que é um período crítico de vendas. Neste caso, os funcionários recebem acerto antes do serviço cessar, e são recontratados quando a produção volta ao normal, o que demonstra a instabilidade e insegurança dos funcionários em relação ao próprio trabalho.

As bancas de pesponto também oferecem instabilidade, e como nas fábricas, possuem facilidade na modificação da dinâmica de funcionários, podendo assim, substituir um pelo outro, sem muitos problemas. Esta afirmação se verifica durante as observações realizadas numa determinada banca de pesponto, em que um funcionário, de aproximadamente 18 anos, deixou o trabalho para trabalhar com o pai, neste mesmo setor, e logo no dia seguinte já havia outro funcionário, de 16 anos, aprendendo o mesmo serviço.

As bancas de pesponto, segundo Navarro (1998), coexistem em unidades menores, que empregam centenas de trabalhadores sob relações formais de trabalho, e outras, que empregam trabalhadores sem contrato formal, registrado em carteira e, onde as condições de trabalho são extremamente precárias, insalubres e inseguras, com jornadas de trabalho superiores a dez horas diárias, sem folgas semanais. As observações realizadas em bancas de pespontos nos apresentaram

⁵ Segundo Navarro (1998) as bancas de pesponto são unidades produtivas especializadas na confecção de determinadas partes do calçado e que são submetidas às fábricas de calçados.

dados incoerentes com a afirmação de Navarro sobre a insalubridade e insegurança dos funcionários. Pôde-se verificar que tais bancas de pesponto só admitiam pessoas com no mínimo 16 anos de idade, estabelecendo vínculo empregatício lícito com todos os funcionários. Tais bancas possuem iluminação, ventilação, banheiros, água, café, ventilador, extintor e geladeira. Nesta perspectiva, surge a questão da subjetividade do trabalhador, ou seja, qual o significado e o valor que ele atribui a esta forma de trabalho, quais suas ideologias e expectativas diante de sua realidade.

Para Guattari e Rolnik (2000), "as mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, (...)". No entanto, nesta perspectiva, os trabalhadores são resultados de uma produção de massa, serializado, registrado, modelado, o que nos permite refletir sobre o indivíduo atuando neste modo de trabalho, que em muitos casos, está reproduzindo o que sempre vivenciou em casa, ou no trabalho da família. Muitas crianças crescem vendo os pais fazendo costuras manuais, algumas até ajudam, como no caso de uma das residências observadas. Outras têm sua família toda trabalhando neste setor, em fábricas e bancas de pesponto, e automaticamente vai neste mesmo caminho, sem parar para pensar e refletir sobre suas escolhas.

Em uma das bancas de pespontos observadas, o pai, dono da fábrica, tinha sua banca como uma conquista, e já planejava o aumento do espaço para o consecutivo aumento da produção e de funcionários. Durante o funcionamento da banca, suas duas filhas gêmeas, de 4 anos, entravam e saíam constantemente do espaço, podendo presenciar assim, todo o trabalho realizado pelo pai e seus funcionários. No entanto, desde já, as crianças vão sendo modeladas pelo seu próprio contexto familiar e social, o que possivelmente produzirá sua subjetividade, que segundo Guattari e Rolnik (2000) é essencialmente fabricada e modelada no registro social, produção a fala, as imagens, a sensibilidade, a produção do desejo, que não se cola absolutamente à representação do indivíduo, mas é adjacente a uma multiplicidade de agenciamentos sociais, a uma multiplicidade de processos de produção maquínica, a mutações de universos de valor e de universos históricos.

Pensando sobre a subjetividade na visão de Guattari e Rolnick, se pode refletir sobre o papel do trabalho na vida dos empregados do setor calçadista, como os funcionários das bancas de pesponto, que Navarro acredita serem vítimas de

péssimas condições de trabalho. No entanto, diante das observações realizadas juntamente com as idéias dos autores a cima citados, pode-se pensar sobre questões da subjetividade do trabalhador interligadas ao seu modo de trabalho, como nos casos dos empregados nas bancas de pesponto. Para muitos empregados destas oficinas seu trabalho é uma escolha, pelas facilidades encontradas, como bancas localizadas no mesmo bairro em que residem, e em outros casos, pela satisfação da fusão do ambiente domiciliar com o ambiente de trabalho, como nos casos os proprietários das bancas. Tal fusão permite uma relação familiar mais próxima, como no caso dos filhos, que podem ser cuidados mais de perto, e sendo socorridos quando necessário. Em muitos casos, como as observações feitas mostraram, a mãe sai do trabalho para fazer comida para o filho, levá-lo a escola, verificar as tarefas, e até para resolver questões pessoais. Esta facilidade e flexibilidade é um ponto positivo aos olhos dos trabalhadores, que acreditam estar sendo mais beneficiados do que se estivessem trabalhando em fábricas, nas quais devem trabalhar com mais inflexibilidade e rigidez.

De acordo com Fernandes, à medida que o processo de trabalho na indústria movido pela lógica do capital vai se racionalizando, as práticas de camaradagem entre os colegas de trabalho vão, assim dizendo, entrando em declínio, pois o ritmo de trabalho dificulta, e até mesmo impede esse tipo de relação. Esta afirmação é coerente com a realidade das indústrias de calçado, como observado na atividade da esteira, em que o tempo é cronometrado, e os funcionários passam o dia todo numa mesma posição, fazendo os mesmos movimentos. Cada funcionário é responsável por uma sessão da esteira, e se “bobear” pode atrapalhar todo este processo, portanto, não se escuta tanta conversa e nem se vê funcionário saindo da esteira para beber água ou ir ao banheiro. O que, de fato, dificulta as relações de camaradagem entre os colegas, mas de certa forma, não impede totalmente, pois, ainda sim, os operários criam “linhas de fuga” para tornar o trabalho menos cansativo. Diante desta realidade, alguns trabalhadores informais, que trabalham com costuras manuais, disseram preferir este trabalho ao trabalho formal nas indústrias, pela flexibilidade que lhes proporcionam. Em bancas de pespontos, enquanto o trabalho vai sendo executado, funcionários conversam sobre seus finais de semana, seus casos amorosos, suas atividades fora do ambiente de trabalho, trocam receitas e idéias sobre as mais diversas coisas. Portanto, ao se aproximar desta realidade, e saborear um pouco do cotidiano e vivências dessa população, é

possível criar uma nova visão sobre este modo de trabalho, e compreender a partir da cultura, dos valores, e de todos os agenciamentos sociais, a subjetividade produzida, que reflete no processo de produção de sua fala, desejos, atitudes, ideologias, enfim, de todo seu modo de vivenciar as situações, e neste caso, seu modo de trabalho.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. 6.ed. Campinas: Papirus, 2001.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, p. 101-115 e 167-173, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70. ed. Lisboa, 1977.

BRAGA, Willian Dias. **Subjetividade e Trabalho: reestruturação produtiva e o papel da mídia na construção da identidade operária no Brasil**. São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%2020%20Floencia%20saintout/William%20Dias%20Braga%20GT%20Com%20Est%20Socioculturais.doc>. (Acesso em 30 de Março de 2007).

FERNANDES, Maria Esther. **Da manufatura à esteira: resgatando a memória do trabalho operário**. (mímio).

GUATTARI, Felix & ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 25-45, 2000.

HELOANI, Roberto & LANCMAN, Selma. **Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação**. *Prod.* [online]. Set/dez.2004, vol.14 n.3.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300009&lng=e&nrm=iso&tlng=pt>. (Acesso em 29 Março 2007).

LANCMAN, Selma y UCHIDA, Seiji. **Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho.** *Cad. psicol. soc. trab.* [online]. dic. 2003, vol.6, p.79-90. Disponível em: <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172003000200006&lng=es&nrm=iso>. ISSN 1516-3717. (Acesso em 29 Março 2007).

MINAYO. Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** Pesquisa qualitativa em saúde. 4.ed. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.

NAVARRO, Vera Lúcia. **A produção de couro em Franca (SP): a reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho.** Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. Araraquara: 1998.

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos e LEDA, Denise Bessa. **O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva.** *Estud. pesq. psicol.* [online]. dez. 2004, vol.4, no.2. Disponível em: <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000200006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1808-4281. (Acesso em 29 Março 2007).